

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS DA REZA DE CURADO OLHADO

Danielle Gomes do Nascimento¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é o de apresentar, a partir da perspectiva teórica da Tradição Discursiva, mudanças e permanências da reza de cura do olhado. Nesse trabalho, têm-se como referência as rezas populares de cura da região itabianense, interior da Paraíba. Como esta pesquisa tem uma abordagem diacrônica, será feita uma análise comparativa com as rezas de Portugal. Percebe-se que esta tradição é bastante conservadora, se observada pelo contexto religioso. Entretanto, a tradição das rezas apresenta algumas mudanças e variações que, por sua vez, estão atreladas a marcas da oralidade.

PALAVRAS-CHAVES: Rezas de cura; Tradições Discursivas; diacronia.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present, from the discursive traditions, changes and continuities of prayer's healing eye. In this work we have as a reference the popular healing prayers itabianense the region, interior of Paraíba. As this research is a diachronic approach is a comparative analysis with the prayers of Portugal. It is perceived that this tradition is very conservative if we look at the religious context. However, the tradition of prayers has some changes and variations, which in turn are linked to marks of orality.

KEY WORDS: Healing prayers; Discursive Traditions; diachrony.

1. Introdução

Partindo do pressuposto de que a cultura portuguesa é uma das principais responsáveis pelas proliferação e divulgação dos textos orais e escritos no Brasil, bem como pela imposição da cultura letrada sobre os colonizados, há de concordar-se que são grandes as influências lusitanas sobre nossa cultura. No que se refere à tradição oral das rezas populares brasileiras, os aspectos estruturais e semântico-discursivos relacionados à tradição das rezas populares portuguesas foram responsáveis por algumas mudanças, justificadas, também, pela grande influência étnico-religiosa portuguesa sobre o Brasil. Entretanto, se se tomar como ponto inicial o aspecto fundante das rezas, desde a época mítica, haveria, com certeza, muitas mudanças sobre o gênero rezas, uma vez que o gênero desmembrou-se em várias subcategorias de acordo com os fins sociais, culturais e históricos das sociedades que se foram constituindo ao longo do tempo. Nesse sentido, a abordagem das Tradições Discursivas sempre requer aprofundamento dos contextos histórico e social, sendo preciso, muitas vezes,

¹ Mestranda da Universidade Federal da Paraíba danielllegy@yahoo.com.br.

ir além do contexto português para entender determinadas práticas sociais das rezadeiras no Brasil.

2. O processo de mudança e de permanência da tradição “reza de cura” na perspectiva das Tradições Discursivas

Em relação às mudanças dos textos, Simões (2007) utiliza algumas figuras para representar transformações pelas quais os gêneros passaram. Os modelos dessas figuras foram propostos por Koch (1997) para representar a ideia de que nem sempre os textos ou discursos se apresentam de forma fixa e linear:

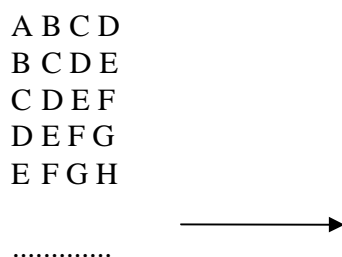


Figura 1. O contínuo de filiação das Tradições Discursivas(cf. Koch, 1997, p.60)

A partir da figura acima, percebe-se que o texto ou discurso de uma tradição está apto a se transformar, de forma que pode tanto conservar os elementos textuais e linguísticos quanto acrescentar novos elementos no decorrer do tempo. Em relação às rezas populares, os traços de conservação são superiores aos de mudança, tendo em vista que o gênero em estudo está preso a uma tradição religiosa bastante conservadora em todos os seus aspectos. Porém, se se tomar como ponto inicial das rezas a época mítica, perceber-se-á que a tradição oral das “rezas” sofreu mudanças tanto em seu aspecto formal como no linguístico e no discursivo-pragmático. Nesse aspecto geral, poder-se-ão representar as mudanças, utilizando-se a seguinte figura representativa:

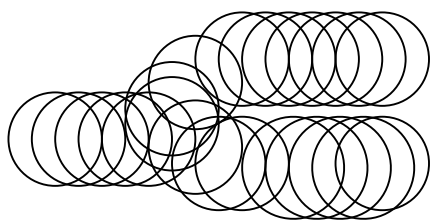


Figura 2. A inovação das Tradições Discursivas (cf. Koch, p. 66)

A figura acima foi usada por Simões para representar a inovação, onde ocorre a diferenciação de tradições culturais, em uma referência ao gênero *aviso*, que acabou se dividindo em dois novos gêneros: *a notícia e o romance epistolar*. No caso das rezas, se se observar o contexto fundante, tem-se no início do espiral a representação da época mítica, a reza que designa, no sentido primeiro da palavra, clamor, pedido e diálogo com os deuses. Com o passar de épocas, as rezas tenderam a se especificar e a ganhar denominações, utilidades e características diferenciadas, dependendo da religião ou da cultura na qual o

indivíduo estivesse inserido, representadas pela abertura do espiral. Para Simões (2007), a inovação acontece por meio da diferenciação de tradições culturais, quando, por exemplo, um determinado gênero discursivo se divide em dois ou mais subgêneros. No caso das rezas, a inovação aconteceu a partir da Idade Média, quando as sociedades foram delimitando os espaços religiosos e formando, assim, diferentes contextos religiosos e culturais nas sociedades subsequentes.

Se se considerar como ponto de partida o contexto português, as mudanças não foram grandes – ocorreram mais no aspecto linguístico que no textual. Sobre os aspectos linguísticos, as evidências estão no campo da oralidade. Observando a imagem a seguir, também utilizada por Simões para representar as mudanças ocorridas no gênero carta, pode-se traçar um paralelo com as mudanças nas rezas de cura. Veja-se, então, a representação das variações linguísticas que ocorreram na tradição das rezas ao longo do tempo:



Figura 3. Representação das mudanças ocorridas no gênero cartas (cf. Simões 2007)

No caso das rezas, como as mudanças aconteceram mais no campo da oralidade, a figura manteve-se em sua forma linear, não havendo nenhum desmembramento do gênero textual, ou seja, o gênero conservou seus aspectos comunicativo e social, da mesma forma que existia e existe em Portugal. Afirmar que as mudanças acontecem no campo da oralidade é dizer que a incidência das modificações reside na substituição de alguns vocábulos por outros que se referem ao mesmo campo lexical das rezas que, no decorrer do tempo, foi-se adaptando ao espaço social das rezadeiras da região itabaianense. Na verdade, estudar a tradição oral é conscientizar-se de que não há um texto ou discurso padrão para rezar determinada doença, pois o texto tende a multiplicar-se em suas variantes, embora apresente marcas textuais e linguísticas específicas da doença. As pequenas variações relacionadas ao aspecto linguístico residem nos campos lexical, morfológico, semântico-discursivo, dependendo da época e do lugar em que foi dita. Sendo assim, serão apresentadas algumas variações ocorridas nas rezas de cura do olhado.

3. Mudanças e permanências na reza do olhado

Para indicar as mudanças e permanências de uma tradição, é preciso observar determinados contextos que devem ligar-se diretamente a historicidade dos textos e da sociedade. Em relação à reza do olhado, percebem-se pequenas variações. Dentre as variações, destaca-se o lugar onde a doença penetra. Em Portugal, as rezadeiras, para se referir ao lugar onde a doença atinge, são mais específicas do que as encontradas no Brasil:

Em Portugal	No Brasil, em Itabaiana
Nas tuas pernas Na tua barriga No teu estomago No teu coração Nos teus olhos Na tua cabeça No teu interior, fizeram-te mal.	Se for na cabeça , tire-te Santa Tereza, Se for nos braços , tire o Senhor dos Passos, Se for nas costas , tire o Senhor (da orques) Se for no peito tire o Senhor com jeito Se for nas pernas , tire-te Santa Bardanela. Se for na barriga , tire-o Santa Margarida, Se butaram pela frente , valei meu senhor São Bento Se butaram por detrás , valei meu senhor São Brás Se butaram no teu comer, no teu beber, no teu deitar, em teu sorriso, em tua beleza, em tua feiúra, na tua magreza, na tua gordura...

As rezadeiras itabaianenses não especificam a parte do corpo ou órgão humano, elas generalizam-na/o, mediante ações do doente: na comida, na bebida, na forma de sorrir. Apesar da generalização, não deixam de referir-se ao corpo, símbolo que sofre as consequências do mau olho e da inveja.

Outra mudança encontrada entre as rezas portuguesas e brasileiras diz respeito às referências aos santos. As variações estão diretamente relacionadas à crença particular de cada rezadeira e ao lugar onde elas desenvolveram suas crenças, como se pode ver nos exemplos abaixo:

Em Portugal	Na região itabaianense
Valei-te o Senhor dos Aflitos Valei-te a Senhora do Tojo Valei-te o Divino Espírito Valei-te o Santo Sacramento Valei-te Aqui São João	Se butaram pela frente, eu te tiro com's puder de senhor São Vicente Se butaram por detras eu tiro com's puder de senhor São Brás Se foi no riso, no teu falar, no teu olhar, no teu andar, no teu cabelo, na tua esperteza, na tua boniteza, eu tiro com's puder de santa Tereza , Na tua feiúra eu tiro com os puder de Santa Úrsula .

Em Portugal, por exemplo, foram referenciados alguns santos, como Senhora do Tojo, que não fazem parte da crença brasileira. Nesse aspecto, percebe-se uma ligação da crença e da construção significativa (semântica) das rezadeiras com os santos, relacionada aos fatores social e cultural.

Outra diferença semântica perceptível nas culturas portuguesa e brasileira diz respeito à utilização dos verbos *por* e *haver* na função de verbo principal. No Brasil, o verbo *por* sempre é substituído por *colocar* ou *botar*; e o verbo *haver* usado em Portugal, no Brasil, é transferido para o verbo *tirar*, como se pode comprovar nas rezas:

Em Portugal	Na região itabaianense
Tu tens quebranto, dois te puseram , três hão de tirar.	Com dois te butaram Com três eu te tiro

Há também algumas variações no vocabulário e expressões utilizadas pelas rezadeiras para se referir ao mesmo campo semântico. Vejam-se primeiramente os vocábulos e, em seguida, as expressões:

Designação	Portugal	Na região itabaianense
Ramo	um ramo de alecrim na mão	vassora do monte galho de ouro ramo na mão
Doença do olhado	Quebranto este mal	quisila, quebrante, olho grande , má vontade Olhar excomungado
Mar	Lá pras ondas do mar	mar sagrado oinda do mar da banda de lá ondas do mar sagrado
Nossa senhora	Virgem mãe da Conceição, Senhora do pranto Mãe do poderoso Deus	virge Maria, Virge soberana, Sinhora, virge Maria,

Expressões portuguesas	Expressões itabaianenses
tu tens quebranto , dois te puseram, três hão de tirar.	Com dois te butaram Com três eu te tiro (Fulano) com dois te butaro Com quarto te tirarão Com dois olhos do sinhô Jisui E dois do sinhô são João
Deus te fez Deus te criou Deus tire o mal que no teu corpo entrou	Fulano(cita o nome da pessoa) Deus te fez, Deus te criô e Deus te gênero(gerou)
Que te leve do teu corpo para fora esse malvado quebranto . Lá pras ondas do mar Que ninguém possa apanhar	Quebrante e mal olhado sai de fulano para as ondas do mar sagrado Sai-te olhado para as ondas do mar sagrado
Tirai este mal, este quebranto do corpo de (fulano)	Tire esta quisila , este quebrante de cima de ti Pelo seu amor divino
Descubra-me aqui se fulano (nome) tem quebranto Se tiver quebranto Descubra-me nestas três pinguinhas de azeite	– Jesus com que cura, olhado, quebrante, quisila do coipo de fulano – com água da fonte e vassora do monte.

As variações encontradas na reza do olhado vão desde a palavra para se referir à doença até aos elementos simbólicos para curá-la. Essas variações são fruto dos diferentes territórios culturais em que as comunidades linguísticas inserem-se. Bhabha (2003, p.27) enfatiza a interferência da cultura sobre as mudanças de comportamento do indivíduo em sociedade:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um trabalho com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia de novo como um ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente que inova e interrompe a atuação do presente.

A variação encontrada nas rezas é comprovada nas simbologias utilizadas nos rituais de cura: em Portugal, usa-se o azeite e uma bacia com água para saber se a pessoa tem olhado. No Brasil, usa-se o ramo, símbolo que indica se a pessoa está com a doença. Diferentemente de Portugal, o ramo só dá a informação da doença no final, se ele murchar. Essas variações comprovam o quanto os diferentes territórios incidem sobre as significações simbólicas, renovando e refigurando a cada contexto social.

Enfim, percebe-se que as rezas, apesar de pertencerem à mesma tradição, ficaram propensas a algumas variações. Segundo Simões (2007), é preciso ter em mente que os gêneros textuais seguem uma determinada Tradição Discursiva, ou seja, há um repetição da tradição, mas também estão sujeitos a inovações e variações. Nesse aspecto, o autor enfatiza que Repetição (tradição) e Inovação (liberdade/criatividade) podem andar lado a lado num mesmo documento ou conjunto de textos.

A respeito das variações encontradas nas rezas brasileiras em relação às portuguesas, Peter Koch (2007, p. 56) afirma que “a inovação corresponde a um ato individual de criação por um falante, de um eixo linguístico novo”. Para o autor, quando um eixo linguístico inovador é adotado por outros falantes da comunidade linguística, ele se difundirá naquela comunidade e, então, poderá ser chamado de *variação linguística*. Percebe-se, nitidamente, a partir da transmissão oral das rezas, o processo de inovação e de variação da tradição. Além da forma como os textos são materializados, os contextos sociais e históricos são fatores decisivos para a proliferação das variedades linguísticas. Nesse aspecto, é comum ouvir das rezadeiras “eu rezo assim”, “minha reza é diferente dos outros” ou, ainda, “eu aprendi a rezar assim, mas eu acrescentei algumas coisas que eu fui aprendendo”. Tais informações confirmam o que Koch (2007) informa sobre o processo de inovação linguística. É sempre um ato individual instigado pela criatividade do falante que provocará um ato linguístico novo e consequentemente se espalhará na comunidade.

Sobre as variações orais itabaianenses, houve incidências nas falhas de concordância, em consequência da pouca escolarização e do grupo social das rezadeiras. Para Scherre (2004, p. 234), a diferença básica entre brasileiros e portugueses e entre brasileiros mais escolarizados e menos escolarizados, principalmente na fala, está na quantidade de concordâncias que deixam de ser feitas. Estudos de variação linguística apontam algumas causas para a falta de concordância. Dentre elas, destacam-se o grau de escolaridade e o fator idade. Por outro lado, há de notar-se que as variações de concordância não ficam restritas às pessoas menos escolarizadas. Lucchesi (2004, p. 82) deixa claro que as variações de concordâncias verbal e nominal só atingem níveis significativos na fala das pessoas escolarizadas nas situações informais de interação verbal. Para o autor, essa variação diafásica, referente à concordância, é bastante reduzida na fala popular, podendo mesmo não ocorrer nas comunidades rurais mais isoladas, onde as marcas de concordâncias nominal e verbal estão praticamente ausentes em todos os registros da fala de seus membros. Sobre o fator idade, Lucchesi (2004) informa que estudos empíricos apontam para a aplicação de regras de concordância sobre os mais jovens. Os estudos comprovam que os mais velhos fazem menos uso das regras de concordância do que os mais jovens. O que é interessante mencionar sobre a tradição das rezas é a maneira como as expressões populares brasileiras ainda conservam traços do falar português arcaico, como o uso de algumas expressões como *arretirar*, *detrás*, *entô*, *alevantai*, *hei de te curar*.

Portanto, foi constatado, a partir das entrevistas com as rezadeiras itabaianenses e com a exposição das rezas tradicionais portuguesas, que as variações linguísticas das rezas brasileiras sobre as portuguesas incidiram no eixo da oralidade, através das formas individuais

e próprias das rezadeiras, ao praticarem as rezas, e do aparelho simbólico. Em relação às construções textual e discursiva das rezas, constatou-se que as rezas, ou qualquer outro texto de cunho oral, podem ser comparadas a um imenso tapete de tecido confeccionado com retalhos, cujos pedaços de pano representam as pequenas estruturas que vão compondo todo o texto. É assim que acontece com as rezas: as pequenas expressões da tradição são adaptadas e, às vezes, reinventadas pelas rezadeiras que, ao ensinarem à outra pessoa, buscam uma maneira própria de rezar. Dessa forma, as rezas passam a ser “únicas”, embora estejam presas à tradição e apresentem características próprias para se referir a cada doença.

Evidenciou-se, também, que contextos social, religioso e histórico, além dos recursos de expressividade das rezadeiras, foram fatores determinantes para as variações linguísticas das rezas. Essas variantes encontradas nas rezas são justificadas pelo meio de difusão dos textos que, basicamente oral, apresentam essa predisposição à variação. O que implica dizer que cada rezadeira, embora conheça muito bem as rezas, vai acrescentando ou substituindo determinadas palavras ou expressões por outras que fazem parte de sua realidade e de seu domínio linguístico. Como demonstração dessa disseminação oral, encontram-se trechos que se repetem em várias rezas, como se poderá observar no quadro abaixo:

Portugal	Rezas itabaianenses			
Rezas de Portugal	Olhado	Espinhela caída	Dor de Cabeça	Cobreiro
Santo António se alevantou, seus sapatinhos calçou, com Jesus de encontrou e Ele lhe perguntou: - Onde vais, António? - Vou espalhar esta trovoada. Jesus Cristo lhe perguntou: -Donde vens, Pedro Paulo? -Venho de Roma -E o que vai por lá? ... - Torna atrás Pedro Paulo Vai curar esses males	Jesus Cristo ia pra Roma Pedro Paulo ele encontrô Pedro pergunto: - Jesus com que cura, olhado, quebrante, quisila do coipo de fulano	Nosso hor passou girando mundo dele, Encontrou São Pedro e pergunto:	São Pedro foi ao mundo Jesus Cristo perguntou: ...	Com o divino Jesus Cristo encontrei Nossa Senhora cãodão de carrapateira na mão - perguntei a N. Senhora - pra onde tu vais? - vou sair de casa curano fulano de cobreiro brabo
São Pedro vinha de Roma E a virgem ia pra lá E a virgem lhe procurou: - Pedro, que vai por lá?	Aí Jesus... - Anda Pedro! - Não posso Senhor - O que é que tu sente Pedro? - Encontro (fulano)		Pedro o que tu encontrô? Encontrei (fulano) com muita dor de cabeça	
- Muita peste, muita malina	com olhado, quebrante, quisila			

		- Que tem Pedro? -Espinhela caída, Senhor. - Com que eu benzo, Pedro?	- O que tu sente jusé? – É dor de pontada, é dor de chuchada, mulesta fria,	
	Andou Nossa Senhora com ramo na mão. Perguntei, pra onde tu vai E Nossa Senhora... Curano (fulano) de olhado, quebrante que butarm no teu coipo,		Jesus quando no mundo andô Todo mal ele curô Dor de dente, dor de chuchada..	Com o divino Jesus Cristo encontrei Nossa Senhora com câodão de carrapateira na mão
Deus fez, Deus te criou, Deus perdoa a quem mal te olhou	Fulano(cita o nome da pessoa) Deus te fez, Deus te criou e Deus te gênero(gerou) Tire esta quisila, este quebrante de cima de ti Pelo seu amor divino	Jesus nasceu, morreu e ressuscitou Assim como Jesus nasceu, morreu e ressuscitou, Espinhela e arca levantou		
		Lá vem o sol subindo com seu divino resplandô Peitos aberto, espinhela caída Jesus cristo curô Vem Jesus levantá a espinhela de (fulano) Pelo seu divino amô		Avistei o sol saindo com seu lindo resplandô... No mundo Jesus andô Mais São Pedro e São Paulo Todo mal ele curô

4. Ainda sobre mudanças e permanências – à guisa de conclusão

Com esse quadro, observa-se o quanto o texto oral é capaz de se multiplicar, adaptando-se ao universo discursivo dos interlocutores. O quadro também remete ao que Kabatek (2006) chama de evocação – as repetições das rezas vão sendo adaptadas às situações dos falantes, com acréscimos ou retiradas de partes do acervo lexical. Assim, a construção discursiva do falante estará diretamente relacionada à situação concreta em que o falante se encontra. Osterreicher (2006, p.4) acredita que “emissor e receptor estão envolvidos em campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, em determinados contextos e determinadas condições emocionais e sociais”. Para o autor, todas essas instâncias e fatores da comunicação linguística são possibilidades de variação. As interferências individuais e emocionais das rezadeiras também foram decisivas na construção discursiva das rezas itabaianenses. Sobre a marca da

oralidade na tradição das rezas, Zumthor (1993 p.144) evidencia que a tradição, quando a voz é seu instrumento, é também, por natureza, o domínio da variante.

Quanto à estrutura textual, algumas mudanças aconteceram no Brasil em relação à estrutura portuguesa. Nas rezas portuguesas, encontram-se a *invocação*, o primeiro momento do ritual, e as fórmulas mágicas, ou seja, a reza específica da doença. O que não é diferente do que se constata no Brasil, onde primeiramente a rezadeira se benze – faz o sinal da cruz – a *invocação*, depois recita a fórmula mágica, característica de cada doença, e termina rezando ou o Pai Nosso, ou Ave Maria e o Credo. No entanto, a mudança ocorrida nas rezas brasileiras foi o acréscimo da última etapa do ritual, o *oferecimento*. Encontram-se rezadeiras oferecendo a reza a algum santo ou as três pessoas da Santíssima Trindade, o que marca a influência do Cristianismo sobre a vida religiosa dos brasileiros.

Portugal	Região itabaiense
<p>Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo (benzer)</p> <p>(nome da pessoa) tu tens quebranto, dois te puseram, três não de tirar. De onde este mal veio para lá torne a voltar. Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade benzer) que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ámen.</p>	<p>Faz o sinal da cruz... Com dois ti butaro Com três eu ti tiro Com as palavras de Deus e da Virge Maria Quebrante e mal olhado sai de fulano para as ondas do mar sagrado Se butaro no teu corpo, na tua comida, na tua esperteza Sai-te olhado para as ondas do mar sagrado Eu te curo com o Pai Nosso, a Ave-Maria e a Santa Maria (Repete três vezes) Jesus é nascido, nascido da virge Maria verdade e curai (fulano) Jesus, Maria e Jusé. ...Reza três Pai-Nosso, três Ave-Maria e três Santa-Maria Oferecimento Oferece ao nosso Senhor Jesus Cristo</p>

Por outro lado, encontram-se rezas portuguesas contendo apenas a fórmula mágica, sem haver o primeiro momento do ritual, a *invocação*, como se poderá ver em:

Portugal	Região itabaiense
<p>XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p> <p>Espinhela caída, portas para o mar, arcas, espinhelas, em teu lugar. Assim como Cristo, Senhor Nosso andou pelo mundo arcas, espinhelas levantou.</p> <p>XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p>	<p>Invocação - Faz o sinal da cruz... Jesus nasceu, morreu e ressuscitou Assim como Jesus nasceu, morreu e ressuscitou, Espinhela e arca levantou (nesse momento levanta o braço da pessoa, faz movimentos de cruzes) Reza o Pai Nosso, Ave-Maria e a SantaMaria. Oferecimento Ofereço esses cinco Pai-Nossos, cinco ave-marias e</p>

	as cinco Santa-Marias as cinco chagas do nosso senhor Jesus cristo que, assim o Senhor foste livre, são e salvo na sua paixão e morte, esteja tu (cita o nome da pessoa) livre, são e salvo e curado de espinhela caída. Vai-te, espinhela caída, pras ondas do mar sagrado. (repete 5x)
--	---

Sobre as mudanças ocorridas na estrutura textual das rezas, Rodriguez (2008, p.201) afirma que “em qualquer processo de textualização, a criação de um ato comunicativo passa pelo filtro das Tradições Discursivas; da mesma forma, as reescritas textuais de um discurso supõem um processo de retextualização que implica manipulação e adaptação da língua ou conteúdo de um texto a um novo propósito, a um novo projeto, a um novo cenário social ou histórico”. Nas rezas brasileiras, as estruturas acrescentadas fazem parte dos contextos social e histórico que são proeminentes do Catolicismo.

O fato de as rezadeiras também fazerem uso das rezas do Catolicismo é o que Simões (2007) chama de interdiscursividade. Dessa forma, Simões (2007) atenta para a interdiscursividade na Tradição Discursiva ao afirmar que

A interdiscursividade refere-se à retomada da estrutura fundamental de determinados tipos de textos, ou seja, um discurso, um tipo de enunciado específico que aparece em uma ou mais tradições discursivas. Daí dizer-se que certas estruturas linguísticas pertencem a um determinado estilo ou corrente.

No caso das rezas, a interdiscursividade acontece a partir da introdução de orações típicas do Catolicismo, como Ave Maria, Pai Nosso, Gloria ao Pai, e referência aos santos locais, ao discurso das rezas populares. O traspasse dos discursos religiosos – reza-se tanto a fórmula da tradição popular como as rezas do Catolicismo – é uma marca das mudanças presentes na tradição das rezas brasileiras. Tal afirmação implica dizer que a tradição das rezas populares se difundiu no Brasil e absorveu as marcas do Catolicismo, cujos traços tiveram que se adaptar às rezas populares. Por outro lado, percebe-se que as variações não provocaram muitas mudanças na tradição do gênero, de maneira que foram conservados outros traços que identificam a tradição, guardando resquícios do português arcaico.

Sobre os traços de conservação de elementos textuais e linguísticos das rezas, observa-se que não se inovaram os discursos das rezas populares e as formas de proceder aos eventos de cura. Continuam nas rezas:

- Referência à doença;
- Indicação do espaço onde a doença atinge;
- Referência aos santos;
- Destino da doença – as ondas do mar sagrado;
- Os símbolos usados para tratar a doença;
- Uso de expressões imperativas; e
- Predominância do discurso na 2ª pessoa do singular ou do plural.

No discurso das rezas, permanecem algumas expressões portuguesas que evidenciam a conservação linguística religiosa perante séculos de transmissão.

- Expressões do português arcaico que desencadearam expressões da oralidade popular brasileira:

Alevantai minha espinhela pelo amor de Deus

- As formas de tratar da doença ainda continuam vivas nos discursos das rezas – as águas das fontes e os ramos dos montes continuam fazendo parte do discurso religioso das rezas populares:

Água das fontes
Ervas dos montes

No contexto histórico do século passado, a água e o ramo pertenciam ao discurso linguístico-religioso, como simbologia sagrada do Catolicismo. Como exposto anteriormente, há uma representação simbólica da água e do ramo. Para a tradição cristã, a água é elemento mágico e sagrado, por ser o símbolo curador da vida. Até o século XIX, a água das fontes era bastante utilizada tanto para uso doméstico quanto para as práticas mágicas, por seu valor significativo. Nos dias de hoje, a água não faz parte dos contextos social e cultural das rezadeiras, mas continua presente em seus discursos. Mesmo não tendo representação significativa, as rezadeiras continuam repetindo as rezas, conforme o que a tradição ensina. A justificativa para a permanência desses elementos simbólicos reside tanto na conservação religiosa da tradição como na forte influência do Catolicismo, por manter viva a representação desses elementos para suas vidas; o mesmo acontece com os ramos dos montes, pois a própria tradição buscou na medicina popular e na natureza as plantas para substituírem os ramos sagrados usados pelo povo judeu para receberem o Cristo.

5. Referências bibliográficas

COSERIU, Eugênio. Sistema, Norma e Fala. *In: Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979, p.____.

KOCH, Peter. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. *In: KABATEK, Johannes. Sintaxis Histórica del Español y Cambio Lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf [1990]. *Oralidad y Escrituralidad a la luz de la Teoría del Linguagem*. *In: KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Lengua Hablada en la Rumania: espanõl, francés, italiano*. Madrid: Gredos, 2007 (material digitado na tradução de Araceli Lopes Serena).

KABATEK, Johannes. Cómo Investigar las Tradiciones Discursivas Medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. *In: JACOB, Daniel; KABATEK, Johannes. Lengua Medieval y Tradiciones Discursivas en la Península Iberica*. Frankfurt am Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana, 2001.

OESTERREICHER, Wulf. **Autonomización del Texto y Recontextualización**. Dos problemas fundamentales de las ciencias del texto. Mimeo, 1999.

_____. Lo Hablado en lo Escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología. *In: El Español Hablado y la Cultura Oral en España e Hispanoamérica*. KOTSCHI, Thomas, OESTERREICHER, Wulf e ZIMMERMANN (eds). Frankfurt am Main: Verveurt; Madrid: Iberoamericana, 1996.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. Tradições Discursivas e Organização do *Corpora*. *In: AGUILELA, Vanderci (Org.) Para A História Do Português Brasileiro, VI Seminário do PHPB*. 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. [Tradução: Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.